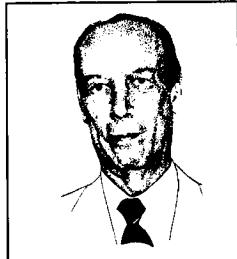


20 JAN 1995

J. E. DUTRA DE OLIVEIRA
ESTADO DE SÃO PAULO

ESTADO DE SÃO PAULO

Alfabetizar ou doutorar



Vamos, ao menos uma vez, apoiar os pequenos e seus professores

O censo demográfico de 91 mostra que o analfabetismo no Brasil ainda atinge cerca de 20% da população — quase 30 milhões de pessoas. Um número substancialmente menor de analfabetos está nas Regiões Sul/Sudeste e, muito maior, na Região Nordestina. Estados como Piauí, Paraíba, Maranhão e Alagoas tinham, na época do censo, mais de 40% de analfabetos, o dobro do índice nacional.

Ao mesmo tempo, nosso novo ministro da Educação traz à baila a discussão sobre necessárias mudanças no vestibular. Justa preocupação para nós, professores do ensino superior, que vemos cada vez mais candidatos à universidade e os consideramos cada vez menos preparados ou achamos que existem melhores modos de selecioná-los. O vestibular é um funil necessário e difícil, que certamente comporta aperfeiçoamentos e/ou alternativas.

Mas, e sempre existe um mas, o dilema é como discutir e compatibilizar o problema do analfabetismo e o do

acesso à universidade. Como dar prioridade e estimular programas que ataquem com coragem e rapidez o analfabetismo, dando a todos o direito natural à cidadania. Ou deve o governo federal se preocupar imediatamente com a formação de "doutores", uma pequena elite de privilegiados intelectuais, sociais e/ou econômicos? Ambas as ações são fundamentais e necessárias ao desenvolvimento do País.

O fato é que os dois problemas se tocam e fazem parte do papel fundamental que precisa assumir a área da educação. Nossos Paulos Freires já mostram ao mundo métodos eficientes e capazes de implantar rapidamente programas de alfabetização popular. Por que, então, não implantar os mesmos métodos nas regiões menos desenvolvidas? Ou para atingir esses objetivos precisamos usar o método indireto: vamos melhorar o vestibular, pelo qual melhorariam o ensino de 2º grau? Assim melhorariam também o de 1º grau e chegariam a melhorar a si-

tuação dos "sem-graus", os analfabetos. Só não sei em que século...

O fato é que considero exagerada a preocupação no País com o ensino superior. Ele consome uma verba per capita muitas e muitas vezes maior que os outros tipos de ensino.

Ao lado dos docentes do ensino superior, podemos perguntar: e como vão nossos professores de 1º e 2º graus? Cada vez mais sendo formados, e acredo já sejam maioria, em escolas "subnormais" e faculdades "comerciais". Ganhando salários muitas vezes menores do que o mínimo e correndo de uma sala de aula para outra para garantir o mínimo necessário ao sustento da família. Não têm nenhuma possibilidade nem estímulo para continuar estudando e progredindo intelectualmente. E onde estão as nossas escolas técnicas e de nível médio, que, ao contrário das de 1º e 2º graus, que só preparam alunos para o vestibular, davam aos estudantes uma profissão?

Por que nossa educação está cada vez mais dirigida a preparar o aluno para o vestibular, e não para a realidade social e econômica do País, que precisa urgentemente de técnicos e profissionais dos mais diversos tipos? Por que queremos obrigar nossos jovens a serem sempre "doutores"?

Enfim, é lastimável a situação edu-

cacional do País. Diversas coisas precisam ser mudadas, a educação é os educadores precisam ser valorizados, apoiados, atualizados e reciclados. Naturalmente, não se pode fazer tudo e para todos ao mesmo tempo. Vamos, ao menos uma vez, apoiar maciçamente as crianças pequenas e seus professores, dar-lhes melhores condições de aprender e de ensinar.

O vestibular pode ser resolvido com a mínima interferência do governo federal, dando autonomia às universidades para criarem experimentalmente diferentes mecanismos de seleção de seus alunos. Vamos estimular a competição entre as escolas superiores para que elas encontrem as melhores soluções. Vamos dar asas à reconhecida criatividade dos brasileiros, é isso o que de melhor se pode fazer. As universidades e os docentes sabem o que fazer, estão organizados, falam alto e são ouvidos (muitos fazem parte do atual governo). É preciso dar mais atenção aos pequeninos, que quase não têm voz, como os professores primários, secundários e as crianças. Também aos que ainda não votam, como as crianças e jovens, e aqueles cujo voto vale muito pouco: os analfabetos.

J. E. Dutra de Oliveira é professor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP)